

A VIOLÊNCIA DA CIDADE NO DISCURSO RADIOFÔNICO (*)

Eduardo Diatahy B. de Menezes
Universidade Federal do Ceará

*"As leis interditam igualmente aos pobres e
aos ricos de dormirem debaixo das pontes."*

Anatole FRANCE

A EXCEÇÃO E A REGRA

*Estranhem o que não for estranho.
Tomem por inexplicável o habitual.
Sintam-se perplexos ante o cotidiano.
Tratem de achar um remédio para o abuso.
Mas não esqueçam
De que o abuso é sempre a regra.*

Bertold BRECHT

(*) Uma primeira versão deste texto foi apresentada na 33.^a Reunião Anual da SBPC em Salvador (8 a 15 de julho de 1981), no Simpósio sobre "Violência e Cidade" — Coordenador: Ruben George Oliven (UFRGS): "As diversas formas de violência urbana no Brasil"; Expositores: Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes (UFC); Gilberto Alves Velho (UFRJ): "Violência e Cidadania"; Zahidê Machado Netto (UFBA): "Violência Cotidiana e a Mulher".

1 — INTRODUÇÃO

Parece haver relativo consenso em torno da constatação do incremento de manifestações de violência e criminalidade na sociedade contemporânea em geral e na sociedade brasileira em particular. Mas aí nós já introduzimos certo grau de ilusão por sublinharmos a *atualidade* do fenômeno, e essa postura prejudica parcialmente a sua compreensão. Na verdade, este fato não é novo: o que o torna mais patente hoje é, provavelmente, uma tomada de consciência mais aguda da sofisticação técnica com que ele se exercita e, talvez, o desenvolvimento de uma significação mais refinada da liberdade humana.⁽¹⁾

Por outro lado e concomitantemente, tem sido produzida uma vastíssima literatura, especializada ou não, sobre tal questão. No início dos anos 70, levantamentos parciais indicavam uma bibliografia de vários milhares de volumes e artigos sobre violência e agressão.⁽²⁾ Em conseqüência, a proliferação de teorias — muitas delas radicalmente divergentes — torna o tema quase inabordável. É bom não esquecer, no entanto, que, muito antes de as ciências que se ocupam do homem (tanto as biológicas quanto as sociais) debruçarem-se sobre o assunto, ele já havia sido tratado com bastante seriedade pela reflexão filosófica e sobretudo pela literatura de todos os povos.

E um pálido testemunho dessa antiga preocupação humana pode ser visto no fato de que Dante, na *Divina Comédia*, reserva aos violentos o 7.º círculo do Inferno. Pouco mais de um século depois dele, Thomas Morus dedica parte significativa do livro primeiro de sua *Utopia* à discussão do problema da pena de morte para os assaltantes, em suas relações com a organização de uma ordem social justa, concluindo seus argumentos com esta atualíssima reflexão: "Arrancaí de vossa ilha essas pestes públicas, esses germes do crime e da miséria. (...) Colocai um freio ao avarento egoísmo dos ricos; tirai-lhes o direito do açambarcamento e monopólio. Que não haja mais ociosos entre vós... para que venha a ser ocupada utilmente esta massa de homens que a miséria transformou em ladrões, vagabundos ou lacaios, o que é aproximadamente a mesma coisa. Se não remediardes os males que vos assinalo, não vos vanglorieis de vossa justiça; ela é uma mentira

1) Cf.: CARAM, Dalto. **Violência na Sociedade Contemporânea**. Petrópolis, Vozes, 1978, p. 10.

2) HACKER, F. **Agression-Violence dans le monde moderne** (trad. franc.). Paris: Calman-Lévy, 1972, p. 93 (citado por CARAM, D.: **op. cit.**).

feroz e estúpida. (...) E, no entanto, que é que fabricais? Ladrões, para ter o prazer de enforcá-los. (...) Minha convicção íntima é que é injusto matar-se um homem por ter tirado dinheiro de outrem, desde que a sociedade humana não possa ser organizada de modo a garantir para cada um uma igual porção de bens.”⁽³⁾ E um século mais tarde, em seu famoso *Sermão do Bom Ladrão* (1655), o pe. Vieira asseverava com veemência: “Não são só ladrões os que cortam bolsas, ou espreitam os que vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados, estes furtam e enforcam. Diógenes, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: Lá vão os ladrões grandes enforcar os pequenos.” Ditosa Grécia, que tinha tal pregador!⁽⁴⁾ E assim por diante, poderíamos multiplicar à vontade as citações até aos nossos dias, a fim de mostrar o crescimento da reflexão crítica sobre o assunto.

Não é, porém, minha intenção discutir aqui esta selva selvagem de interpretações da violência humana. São bem mais modestos os objetivos perseguidos por esta comunicação: trata-se fundamentalmente de um primeiro relato dos resultados provisórios de uma curta pesquisa sobre a violência da cidade tal como aparece veiculada numa amostra de discurso radiofônico. Antes, porém, de apresentar esse material, seguido de uma tentativa de compreender suas significações mais profundas, pretendo ainda propor alguns balizamentos sumários que delimitam os rumos desta caminhada.

Desde logo, um primeiro ponto deve ser questionado: associar ‘violência’ e ‘cidade’ introduz imediatamente o pressuposto implícito de um vínculo causal entre esse fenômeno e o modo ou estilo de vida urbano. Eu chegaria mesmo a admitir a probabilidade de que haja algum conteúdo de verdade nessa suposição; o que faz com que ela antecipe já um começo de explicação. Aliás, ela tem fornecido excelente pretexto de jus-

3) Cf.: **A Utopia**, col. “Os Pensadores”. São Paulo, Abril Cultural, 1972, p. 179-181.

4) Cf.: VIEIRA, Pe. Antônio. **Obras Completas: Sermões**. Porto, Lello & Irmão Editores, 1959, vol. II, tomo V, p. 65.

tificação aos donos do poder, quando estes procuram eximir-se de responsabilidades apontando essa relação e sua ampla frequência e generalidade como os determinantes de uma, como violência objetiva, uma espécie de fenômeno natural ou produto necessário disso que chamam vida urbana moderna. Todavia, esse tipo de argumento mascara outras relações sociais provavelmente mais pertinentes e fundamentais, e que implicariam considerações de ordem ética e política em termos de justiça e de direito, ou em termos das relações entre meios e fins, assim como da legitimidade e da justificação de uns e de outros, respectivamente. E a grande questão de fundo de toda essa discussão reside em indagar se é possível, na verdade, solucionar conflitos humanos sem recorrer à violência.⁽⁵⁾

Existem, de fato, violências, como algo múltiplo e variado, e não a violência, como se fosse um objeto singular, reificado ou hipostasiado. Contudo, enquanto fenômeno generalizado, ele possui certa unidade ôntica, já que nele está em questão o ser do homem. Mas o seu caráter polimorfo acrescenta uma dificuldade adicional à sua compreensão.

Como, por outro lado, não me interessa propor uma classificação desse fenômeno que estabeleça a ordem na sua variedade, creio ser possível, a título meramente operatório e para os efeitos pragmáticos de minha exposição, encarar dois grandes tipos de violência:

- (i) a *violência institucional* ou estrutural, intimamente vinculada aos interesses do Estado e das classes dominantes; e
- (ii) a *violência contestatória*, que emana sobretudo das classes oprimidas.

Entre esses dois pólos ou tipos ideais, e orientando-se ora na direção de um, ora na do outro, distribuem-se algumas subcategorias ou modalidades mais difíceis de serem caracterizadas, tais como: a violência individual, a violência episódica ou eventual, as explosões coletivas, os terrorismos, as greves, as revoluções, etc.

Noutro plano mais geral, é possível apanhar a violência humana numa perspectiva dialética que acentue sua dupla face de processo simultaneamente *destruidor* e *fundador* da ordem social. Aliás, os relatos míticos da Antiguidade já haviam intuído agudamente esta segunda característica ou função da

5) Cf.: BENJAMIN, Walter. "Pour une critique de la Violence" *Oeuvres* — t. I: *Mythe et Violence* (tr. franc.). Paris, Denoel, 1971, p. 121-148.

violência, quando afirmavam que toda cidade repousa sobre o crime. E, na versão bíblica, a própria história da humanidade se funda na transgressão à ordem do paraíso e se consolida na violência de Caim, movida pelo prestígio e pela produção: um legado fratricida, que é o pólo oposto das utopias, das propostas de sociedade justa e das esperanças messiânicas.

Além disso, como a violência pode ser operada direta ou indiretamente, importa sublinhar a fundamental distinção entre *estados* de violência e *atos* de violência:⁽⁶⁾ sendo que quase sempre estes últimos decorrem daqueles, os quais articulam normalmente a *dominação* exercida pelas classes privilegiadas, mediante a opressão, a exploração, a injustiça, a discriminação, a excludência, etc. Reside nesse fato a razão pela qual a violência dos fracos e oprimidos (crime comum, delinquência, protestos, greves, etc.) é mais facilmente visualizada; ao passo que a violência dos opressores se exerce freqüentemente de maneira discreta, sutil, calma, fria e dissimulada, mas sempre portadora de terrível eficácia.

Os atos de violência são muito mais chocantes do que os estados ou situações de violência — estes últimos quase nunca perceptíveis e quase sempre sem responsáveis direta ou claramente identificáveis. Eis por que Mounier podia afirmar que temos medo do sangue das barricadas; mas existem dez maneiras de fazê-lo correr: o regime o anemiza cada dia em milhões de seres mediante milhões de misérias, numa como internacional da morte.⁽⁷⁾

Por outro lado, a banalização da violência quotidiana leva a encarar como natural ou universal o sistema que a propicia, e a aceitar como normais fatos do tipo: fome, doenças coletivas, insalubridade, poluição, acidentes de trabalho, brutalidade, arbítrio, torturas, perseguições ideológicas, mentiras sistemáticas, autoritarismo, censura, golpes, etc.

Em resumo, quero deixar clara a minha posição: mais do que na sua metafísica, estou interessado numa economia política da violência e da criminalidade.

2 — A PESQUISA

Haveria certamente inúmeras outras maneiras ou vias de acesso à representação da violência em nossa sociedade através dos meios de comunicação de massa. Optei, deliberadamente, por um caminho mais simples. Assim, o material de

6) Apud CARAM, D.: *op. cit.*, cap. VI.

7) Cf.: *Les Certitudes Difficiles*. Paris, Seuil, 1951, p. 11.

que disponho provém de um trabalho de pesquisa que eu chamaria de artesanal. Com efeito, esta investigação, em sua fase inicial, limitou-se à mera gravação de um programa diário (de 2.^a à 6.^a-feira de cada semana), da Rádio Uirapuru, de Fortaleza, intitulado "Nos Bastidores Policiais".⁽⁸⁾ Como, por outro lado, a escuta desse programa durante certo tempo mostrava claramente que ele possui elevado índice de regularidade em seu conteúdo geral, decidi, mais ou menos arbitrariamente, tomar como amostra representativa o seu registro no período compreendido entre 10 de outubro e 20 de novembro do ano de 1979. E o programa tem tido continuidade até a presente data com as mesmas características.

Antes, porém, de continuar a descrição da pesquisa, não posso descartar uma questão de ordem conceitual que se coloca de imediato: qual o significado do termo 'violência' no contexto deste trabalho? Ora, o próprio título do programa escolhido como objeto de estudo já fornece alguma indicação a respeito. Além disso, se tomarmos o modelo tipológico sugerido na primeira parte desta comunicação, veremos que a idéia de violência que predomina no material por mim coletado corresponde a algumas de suas modalidades intermediárias entre a violência institucional e a violência contestatória. Enfim, se quisermos delimitar operacionalmente os horizontes semânticos desse conceito tal como vem circunscrito nos dados de que disponho, seríamos levados a afirmar que é violência aquilo que a polícia define como crime, delito ou desordem. Em outras palavras: todas as formas de conduta de que se ocupa a prática de repressão legalizada.

Retorno agora à apresentação do material da pesquisa.

Não disponho de informações estatísticas precisas, mas posso fundadas suspeitas de que o programa "Nos Bastidores Policiais" apresenta índice de audiência bastante altos em meio às camadas populares tanto da Capital quanto do Interior do Estado. Excetuados sábados e domingos, ele vai ao ar todos os dias, com duração média de 20 minutos, a partir das 13 horas e 10 minutos.

Na sua *estrutura-padrão*, o programa comporta quatro partes nitidamente diferenciadas:

- (i) AS MANCHETES: uma média de 5 ou 6, que põem em destaque aquilo que é considerado como as principais

8) Agradeço ao meu filho — Eduardo Bezerra de Menezes, com 13 anos de idade na época —, que se encarregou, com todo empenho e eficiência, dos registros diários dessa programação, nas minhas ausências, que foram a maior parte do tempo.

ocorrências do dia. Evidentemente, isso já introduz um processo seletivo segundo os critérios do editor, o que é significativo para o pesquisador.

- (ii) AS NOTÍCIAS: bem mais numerosas, mas de efetivo variável, utilizam freqüentemente certas expressões típicas do jargão próprio desses noticiosos ou vocábulos de cunho pejorativo. Quase sempre cada notícia vem acompanhada de curtos comentários jocosos do apresentador. Em geral nas segundas-feiras, em meio às notícias, é feito um relato sumário das ocorrências havidas nos bairros da periferia e colhidas nos Distritos Policiais pelo repórter da equipe.
- (iii) AS CARTAS ESTÃO CHEGANDO: esta seção é constituída pela leitura, resumida ou na íntegra, da correspondência enviada pelos ouvintes. O apresentador costuma estimular esse tipo de contacto e acrescenta seus comentários ao final da leitura. Seria bom lembrar que esta parte do programa representa uma medida razoável do seu índice de audiência.
- (iv) A CENA DO DIA, também intitulada "a história do dia": sempre no final do programa, é o relato dramático de *casos* considerados "pitorescos" ou "chocantes". O relato de tais casos constitui verdadeiras encenações radiofônicas. A atenção do ouvinte é estimulada por uma técnica de *suspense* bem ao gosto popular, mediante pequenos trechos ou "chamadas" que anunciam ao longo do programa a história que será contada no fim.

Além dessas quatro partes típicas, compõem ainda o programa, mas sem chegar a constituir uma seção isolável, duas outras espécies de materiais: as CRÍTICAS, constituídas por comentários que se entremeiam no corpo do programa e possuem intuítos moralizadores em relação ao funcionamento irregular dos aparelhos encarregados da ordem e de repressão (BPTRAN, POLÍCIA, DETRAN, TRIBUNAIS, etc.) ou de órgãos de serviço público, particularmente aqueles de clientela popular: INAMPS, Pronto Socorro Municipal, Mercados e Feiras, etc.; e, eventualmente, o apresentador realiza ENTREVISTAS com uma testemunha ou uma autoridade, a fim de esclarecer certos fatos. É ainda comum que os ouvintes façam denúncias ou reclamações pelo telefone no horário do programa.

Esta descrição esquemática e literal de um programa radiofônico é inevitavelmente empobrecedora pela eliminação de detalhes relevantes como: a variação tonal da voz do apresen-

tador, o apito estridente de sirenas policiais ou de ambulâncias que acompanham certas notícias, o trecho musical que ora sobe ao primeiro plano, ora fica como fundo da leitura, etc.⁽⁹⁾

Quanto ao seu *conteúdo explícito*, a análise do material coletado permite a sua classificação em 5 categorias fundamentais de violência quotidiana e mais uma sexta categoria residual ou genérica. São as seguintes, mais ou menos por ordem de freqüência:

- (i) **VIOLÊNCIAS FÍSICAS**: estas parecem ser as mais freqüentes e comportam 4 subcategorias: a) *crimes de morte* ou "cenas de sangue" como são geralmente chamados; b) *agressões* e espancamentos (inclusive os policiais); c) *estupros*; e d) *suicídios* (geralmente de pessoas pobres, de bairros distantes e miseráveis,

- 9) Na época da coleta de dados (as gravações), o programa usava na sua técnica de som a canção "Money Is" (Letra e música de Quincy Jones). Mais uma vez agradeço ao meu filho, Eduardo, que fez a identificação da música para mim. Ela pertence à trilha sonora do filme "Ladrão que rouba Ladrão" (**The Heist**, no original). Desconheço as razões da escolha por parte da equipe do programa, mas acho bastante significativo o fato de que, nos primeiros versos dessa canção, o seu autor afirme (traduzo livremente):

"Eu obtive um Ph.D. em matéria de equilibrar o orçamento
Eu sou pós-graduado na Universidade da rua
Inflação no País não me incomoda
Porque eu sou um "scholar"
quando isso ocorre
com o todo-poderoso dólar

O dinheiro, o dinheiro, o dinheiro, o dinheiro está
O dinheiro está na minha cabeça
O dinheiro, o dinheiro, o dinheiro move-me."

O programa "Nos Bastidores Policiais", na sua fase atual, mantém a mesma estrutura-padrão, porém mudou a música usada para os efeitos sonoros: trata-se agora de trecho de "A Dança do Sabre" do ballet **Gayaneh**, de Khachaturian. Diferentemente da música utilizada antes, esta agora não apresenta nenhuma relação explícita com o conteúdo do programa, e duvido que os seus responsáveis saibam que em sua narrativa o mencionado ballet relata o caso ocorrido numa fazenda coletiva, de nome "Felicidade": a heróina, Gayaneh, é casada com o desajustado Ghiko, que se envolve com três ladrões e ateia fogo à fazenda; é denunciado por Gayaneh e preso pelo guarda russo da fronteira, Kazakov. Só que a famosa "Dança do Sabre" não se destinava originalmente a fazer parte do ballet — Khachaturian a escreveu numa só noite, como uma brincadeira, e só posteriormente decidiu incluí-la no **Gayaneh**.

e quase sempre o apresentador encerra a notícia afirmando: "São desconhecidas as causas que determinaram o impensado gesto").⁽¹⁰⁾

- (ii) ASSALTOS E ROUBOS: estes dispensam comentários; em geral incluem a violação de residências e outras propriedades (na época da coleta, era objeto desses atos, grande número de automóveis e seus equipamentos).
- (iii) DESORDENS: esta categoria inclui em geral a embriaguez e suas conseqüências (excluídas as propriamente criminosas) e as condutas do tipo das descritas nas seguintes manchetes: "Brecheiro roubou calcinha na Praça 31 de Março", "Tem uma patota andando nua dentro de um Maverick", etc. Pode ainda incluir o desaparecimento de pessoas (sobretudo menores).
- (iv) ACIDENTES: particularmente os acidentes de trânsito, acidente de trabalho, afogamento, mas também os ocorridos em situação de lazer, etc.
- (v) ABUSOS DE PODER OU ARBÍTRIOS: é a categoria noticiada com menor freqüência e comporta geralmente os desmandos de autoridades policiais, médicas, judiciárias, etc.
- (vi) CENA DO DIA: a violência aqui é sobretudo simbólica. Trata-se, como já foi dito, do relato de casos pitorescos ou chocantes, apresentados em tom jocoso ou grotesco. Em geral, possui a estrutura narrativa de um conto dramatizado, em que um dos protagonistas sai logrado ou ridicularizado em seus intentos desonestos

10) Quando se trata de suicídios femininos, eles são geralmente atribuídos a causas amorosas. Isso reforça a estereotípia na construção da realidade social; porém tem relações mais profundas com o modelo esquemático que estabelece:

HOMEM, na produção / MULHER, improdutiva

(e, portanto, estando o primeiro envolvido com a **racionalidade** e a segunda com a **afetividade**). Contudo, ainda há mais a observar. Com efeito, impressiona constatar que nos casos de suicídios masculinos — geralmente de operários e quase sempre desempregados... —, o apresentador do programa sempre afirma que são desconhecidas as causas que levaram a essa decisão e, quando faz algum comentário, este tende a individualizar e a psicologizar os motivos dessa conduta. Ora, parece evidente aqui a recusa em reconhecer as causas ou determinações estruturais desse fenômeno relativamente freqüente entre membros das classes subalternas (pelo menos segundo o próprio noticiário).

ou pouco ortodoxo, o que permite extrair uma conclusão moral ou uma lição, no estilo das fábulas ou dos apólogos.

Algumas observações finais sobre o material ainda podem ser mencionadas, antes de tentar uma compreensão analítica de sua significação e de suas funções e relações. Desde logo, ressalta o fato de que o personagem central do drama composto e encenado por esse noticiário policial é, indubitavelmente, o povo, as camadas pobres da população, aqueles que a linguagem especializada designa como "desviantes": delinqüentes, ladrões, assassinos, meliantes, traficantes, homossexuais, prostitutas, etc. Enfim, aquele personagem conhecido pelos termos genéricos de "marginal" ou "bandido". Aliás, nesse ponto, os dados que coletei convergem em certo sentido com os resultados de outras pesquisas: por exemplo, Virgílio Donnici, que há anos vem colhendo informações sobre a elevação dos índices de criminalidade no Rio de Janeiro, constatou, em 1975, que 52,6% da população carcerária são compostos de negros, mulatos e analfabetos.⁽¹¹⁾ Portanto, tais notícias circunscrevem claramente um território social e geográfico que é visto como *o espaço da desordem*, o qual se opõe ao *espaço da ordem*, ocupado este último sobretudo pelas personalidades consideradas como "autênticos representantes da sociedade".

Por outro lado, as notícias são predominantemente urbanas e se referem em particular a Fortaleza e seus arredores. Em geral, as poucas notícias provenientes de áreas interioranas dizem respeito a acidentes ou a agressões pessoais. Além disso, a principal fonte do noticiário são os registros policiais, que aparecem recodificados pelo discurso radiofônico. Enfim, caberia assinalar a ambigüidade contida no título do programa: "Nos Bastidores Policiais". Com efeito, à primeira vista poderíamos ser levados a supor que se trataria dos subterrâneos desse aparelho repressivo como tal. Mas não. Por uma estranha inversão semântica, a metáfora se refere ao "submundo da sociedade", só que observado segundo a ótica da polícia.

3 — CONCLUSÕES

Que conclusões, mesmo provisórias, podem ser inferidas a partir desse material? Que efeitos ou que tarefas sociais esta prática desempenha? Que relações ela mantém com outras ope-

11) Apud SILVEIRA, Ênio. "Violência gera Violência", *Encontros com a Civilização Brasileira*, n.º 15 (1979), p. 9.

rações ideológicas que asseguram a construção de uma determinada realidade? Em suma, qual é a sua significação social mais ampla?

Obviamente, são múltiplas as respostas possíveis, como são plurais as análises factíveis. Dado que o espaço exíguo desta comunicação não me permite entrar no exame detalhado do material, limitar-me-ei a conclusões mais gerais que podem ser destacadas da primeira aproximação fornecida anteriormente (na segunda parte).

Uma pista fecunda para responder às indagações propostas é fornecida indiretamente por Marx, numa página admirável e cheia de ironia e de lucidez, na qual ele demonstra que o criminoso, além de crimes, produz também o direito criminal e as profissões com este relacionadas; produz a polícia e os ofícios que lhe são complementares; produz efeitos morais e trágicos com amplas conseqüências na arte e na literatura; rompe a monotonia e a segurança, impedindo a estagnação e estimulando o desenvolvimento das forças produtivas. Depois de mencionar ainda vários outros benefícios secundários da criminalidade, Marx deixa a esfera do crime privado para se perguntar se o mercado mundial e as próprias Nações ter-se-iam formado sem os crimes internacionais. E termina a sua reflexão com esta indagação espantosa: "A árvore do pecado não é também a árvore do conhecimento...?"(12)

Creio estar estampada aí toda a ambigüidade ou a dialética da criminalidade e da violência.

Existe, pois, uma evidente utilidade da delinqüência. Eis por que, nos últimos quatro ou cinco anos, a redução da repressão política se fez acompanhar de uma intensificação da campanha contra a criminalidade comum e a violência quotidiana, já que a principal justificativa do aparelho repressivo reside na existência presumida de permanente ameaça à "ordem estabelecida", mas cuja principal função está, de fato, na preservação de privilégios da classe dominante. Nesse contexto, os veículos de informação coletiva desempenham papel saliente na construção dessa "realidade".

Ainda nessa mesma ordem de considerações, vale mencionar aqui algumas das conclusões do 8.º Congresso do Sindicato da Magistratura Francesa (1975) sobre as relações entre a crise econômica e a referida campanha pela "segurança

12) Cf.: "Matériaux pour l'Économie", **Oeuvres: Économie**, t. II, Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1968, pp. 399-401. O texto todo merece ser lido por seu sabor e por seu valor de reflexão. Só a prudência quanto à extensão deste trabalho me furta à tentação de reproduzi-lo aqui, na íntegra.

dos cidadãos”: (i) Seu primeiro objetivo está em produzir uma representação da realidade que desvie a atenção dos graves problemas que o governo não quer ou não pode resolver. (ii) O segundo objetivo se realiza pelo conhecido mecanismo do bode expiatório, ou seja, os causadores da situação de insegurança são os delinquentes e não os responsáveis pela política econômica e social. (iii) A terceira meta é obtida por um processo mais refinado: fabrica-se a opinião pública em torno de certas categorias de violência, ao mesmo tempo que são dissimuladas outras de suas formas. (iv) A derradeira meta, a mais importante, está em amplificar o clima de medo e de insegurança a fim de reforçar o aparelho repressivo e judiciário, assim como assegurar o controle do Estado sobre os cidadãos.¹³⁾

Nesse sentido, o apresentador do programa “Nos Bastidores Policiais” fornece excelente indicação quando, todos os dias, antes de iniciar o noticiário, afirma categórico e com voz impostada:

“Dentro de trinta segundos, vamos vasculhar cautelosamente o submundo do crime e mostrar para vocês que o crime não compensa.”

Observe-se a sentença moral do fim e a insistência em qualificar de criminosos comportamentos que, na sua maioria, não se incluem nessa categoria, posto que sejam visualizados como tais em virtude de provirem majoritariamente das camadas populares (as “classes perigosas”) em suas relações com a polícia.

Uma das conclusões que o material por mim coletado parece apoiar é a de que a violência não se exerce, no corpo social, apenas em sentido descendente, mas sim, que ela se distribui também e amplamente no sentido horizontal. Aliás, o programa noticioso em exame acentua particularmente este segundo percurso — a violência do povo contra si mesmo —, na proporção mesma em que busca ocultar a primeira forma.

13) Cit. por BARROS, J. M. de Aguiar: “A utilização político-ideológica da delinqüência”, *Cadernos do CEAS*, Salvador, n.º 71 (1981), p. 60.

No seu curto ensaio — “A Verdade da Repressão” — o professor Antônio CÂNDIDO salienta incisivamente que Balzac, “que percebeu tanta coisa, percebeu também o papel que a polícia começava a desempenhar no mundo contemporâneo: disfarçar o arbítrio da vontade dos dirigentes por meio da simulação de legalidade”. Daí a solidariedade orgânica entre a polícia e a sociedade, “o poder de seus setores ocultos e o aproveitamento do marginal, do degenerado, para fortalecimento da ordem.” (*Teresina etc.*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 113-118).

Com efeito, excetuadas as condutas turbulentas de jovens ricos, que algumas vezes merecem reparos do programa, os chamados "crimes de colarinho branco" comparecem com uma freqüência quase nula nesse noticiário. Assim como é evidente a complacência desse discurso radiofônico em face de "desviantes" de classe alta. Ora, é significativo observar aquilo de que fala o programa, mas também aquilo sobre o qual ele silencia, afirmando dessa maneira uma linha de demarcação entre *o que deve* e *o que não deve entrar* no noticiário policial. (Por exemplo: um ouvinte remeteu carta criticando um deputado federal e o apresentador rejeitou-a sob a alegativa de tratar-se de "assunto político que deveria ser endereçado ao programa específico". Esse gesto, que sublinha uma aparente divisão racional do trabalho jornalístico, é, na realidade, a exclusão de um tema indesejável).

A elaboração dos discursos jornalísticos acerca da violência popular cria uma região fechada sobre si mesma, intemporal e fantasiosa, que aponta para uma espécie de fatalidade natural, e gera uma matriz privilegiada de construção da realidade social para consumo de massa no dia-a-dia de nossas cidades.⁽¹⁴⁾ Mas sobretudo a despolarização aparente desses discursos e o processo de fragmentação dramatizada da existência das classes subalternas — que se reflete claramente na própria estrutura do noticiário, composto de informações isoladas sem referência explícita a antagonismos sociais mais amplos e muito menos à sua articulação numa totalidade significativa —; o uso de uma linguagem predominantemente emocional, apoiada num vocabulário pejorativo que remete ora ao pitoresco, ora ao grotesco; tudo isso reforça constantemente uma consciência de culpabilidade e o sentido de um destino inexorável, que associa *povo* com *violência* ou identifica *pobreza* com *criminalidade*. Essa prática tende a tornar "o próprio sujeito cúmplice diário de sua sujeição"; assim como transforma "*os elementos* vivenciais e culturais de origem popular em *espetáculo* onde (...) o espectador, expropriado como produtor, é reinserido como personagem".⁽¹⁵⁾

Tudo se passa como se a produção desse discurso radiofônico ocorresse como uma das manifestações do processo mais abrangente segundo o qual a nossa sociedade percorre um caminho estruturado mais ou menos pelas seguintes etapas:

- (i) A fabricação do "criminoso" ou "bandido" (cf.: *O Pixote*);

14) Cf.: SODRÉ, Muniz: "Prefácio" ao livro de Antônio A. SERRA: *O Desvio Nosso de Cada Dia*. Rio: Achiamé, 1980, p. 12.

15) SERRA, Antônio A.: *op. cit.*, p. 26 e 37.

- (ii) a demarcação da fronteira da "anormalidade";
- (iii) a inversão das coordenadas éticas nas relações sociais;
- (iv) e a conseqüente definição desse indivíduo como elemento nocivo;
- (v) enfim, a possibilidade de sua eliminação violenta..., sem maiores problemas de consciência.

No limite, esse processo de fragmentação dramatizada da vida quotidiana e a sua caracterização como crime e violência levam à criminalização de toda forma de oposição política. (Ver, entre outros, o caso dos dissidentes soviéticos ou os recentes exemplos de repressão a Esquível e a Joan Baex, no Brasil, etc.).

BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, Djalma L. G.:
1975 **Violência, Arquétipo e Lei**. Petrópolis, Vozes.
- BENJAMIN, Walter:
1971 "Pour une critique de la Violence", **Oeuvres I: Mythe et Violence**. Paris, Denoel, p. 122-148.
- BICUDO, Hélió:
1981 "Violência: raízes sociais e políticas", **Rev. de Cult. Vozes**, v. LXXVI, n.º 1, 13-15.
- BLOY, Raymond (dir.):
1968 **Violence Humaine**. Paris: Editions du Centurion.
- CÂNDIDO, Antônio:
1980 "A Verdade da Repressão", in: **Teresina etc.** Rio: Paz e Terra, p. 113-118.
- CARAM, Dalto:
1978 **Violência na Sociedade Contemporânea**. Petrópolis: Vozes.
- CARDOSO, F. Henrique:
1980 "Violência e Reação", **Encont. com a Civiliz. Brasileira** n.º 24: p. 211-13.
- CLASTRES, Pierre:
1980 "Arqueologia da Violência: a guerra nas sociedades primitivas", In: CLASTRES, P. et Al.: **Guerra, Religião e Poder** (tr. port.). Lisboa: Edições 70, p. 11-47.
- CERQUEIRA, Marcelo:
1980 "Raízes da Violência", **Encont. com a Civ. Brasil.** n.º 24: p. 189-200.
- 24 **Rev. de C. Sociais, Fortaleza, 12/13 (1/2) : 11-26, 1981/1982**

- DE CERTEAU, Michel:
 1974 "Le Langage de la Violence", in: **La Culture au Pluriel**, coll. 10/18. Paris: UGE.
- DUMAS, A. et Al.:
 1968 **À la Recherche d'une Théologie de la Violence**. Paris: Les Édit. du Cerf.
- ENGELS, F.:
 1972 **Théorie de la Violence** (textos apresentados por Gilbert Mury). Coll. 10/18. Paris: UGE.
 1979 **Anti-Dühring**, 2.^a ed. Rio: Paz e Terra.
- FAULSTICH, Enilde L. de J.:
 1980 **Lexicologia: a linguagem do noticiário policial**. Brasília: Horizonte Edit. Ltda.
- FOUCAULT, Michel:
 1977 **Vigiar e Punir — Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes.
 1979 **Microfísica do Poder**. Rio: Graal.
- GAMBIRASIO, Alex:
 1980 "Violência — O síndrome do 'Mão Branca'." São Paulo: ISTO É n.º 170, 26 de março.
- GIRARD, René:
 1972 **La Violence et le Sacré**. Paris: Grasset.
- GUIMARÃES, Alberto Passos:
 1981 **As Classes Perigosas — Banditismo urbano e rural**. Rio: Graal.
- HOBBSBAWN, Eric:
 1978 "Humanismo e Barbárie: Terrorismo neste final de século", **Encontr. com a Civ. Brasil**. n.º 1: 23-32.
- LINS, Ronaldo Lima:
 1980 "Um novo Personagem: o Homem Violento", **Encontr. com a Civ. Brasil**. n.º 24: 201-10.
- MAFFESOLI, Michel et Alain PESSIN:
 1978 **La Violence Fondatrice**. Paris: Edit. du Champ Urbain.
- MAFFESOLI, Michel:
 1978 **Lógica da Dominação** Rio: Zahar.
 1979 **La Violence Totalitaire — essai d'anthropologie politique**. Paris: PUF.
- MENANDRO, P. Rogério M.:
 1979 "Um levantamento dos fatores responsáveis pela violência policial", **Encontr. com a Civ. Brasil**. n.º 11: 141-50.
- MOTTA, Dilson e Michel MISSE:
 1979 **Crime: o social pela culatra**. Rio: Achiamé.

- QUINNEY, Richard:
 1980 "O Controle do crime na Sociedade Capitalista: uma Filosofia Crítica da Ordem Legal", **Encontr. com a Civ. Brasil.** n.º 24: 165-88.
- RAMALHO, José Ricardo:
 1979 **Mundo do Crime — A ordem pelo avesso.** Rio: Graal.
- SERRA, Antônio A.:
 1980 **O Desvio Nosso de Cada Dia: a representação do cotidiano num jornal popular.** Rio: Achiamé.
- SANTILLO, Henrique:
 1980 "Violência e Criminalidade ou das Transformações Sociais de que o Brasil carece", **Encontr. com a Civ. Brasil.**, n.º 23: 31-40.
- SILVEIRA, Ênio:
 1979 "Violência gera Violência", **Encontr. com a Civ. Brasil.** n.º 15: 7-10.
- UNESCO:
 1971 "Comprendre l'Agressivité", **Revue Intern. des Sciences Sociales**, Paris.
- VERDIGLIONE, Armando (Textos réunis par):
 1971 **La Violence — Actes du Colloque de Milan — 1977.** (2 tomes). coll. 10/18. Paris: UGE.
- WEFFORT, Francisco C.
 1980 "Hipocrisia e Violência". São Paulo: ISTO É n.º 170, 26 de março.